

Revista Eutomia - Ano III - Volume 1 - Julho/2010

À ORIGEM

A ti disseste enquanto nada:
– Íntima figura do
Divino, desiste da forma
Desta extinguível Língua.

Quando o silêncio volte,
Relutante, também haja, talvez,
Além da água puríssima que
A terra inunda, algo, ou
Alguém, que a origem funde.

ÍGNEO

Do alto deste dia por onde alguma luz se difunde,
Sombras de maio ecoam perante a tarde.

A cerejeira acena com suas flores –
Trêmula e vacilante sobre cânticos que o solstício embarça.

Embarça certa obliquidade sonora
Ceres na semente. Ceres que fazes crescer com palavras.

Dizes paisagens cinabre; partes da tarde.
E,
Ébria de sono, fundas teu Nome.

ESTRELAS

Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Com a palavra longe te aproximas deste nome,
E de teu nome, arrancado pela Raiz,
Procuras os saís.

Confundes a hora da aurora se alvoreces
E tornas originais os que amanhecem
Na palavra dia.

Abissais tuas sílabas soam com a melancolia
Natural da melodia que se oculta
Entre a palavra escuta e a palavra escrita.

Adias os nomes, de vozes te acercas em portos
Infinitos. E na palavra abismo
Cais.

CALIGRAFIA

Não imaginas linguagem alguma –
E a manhã rompe como uma ferida em teus lábios.
Tua boca se abre, apenas uma palavra sangra
Enquanto passa o dia.

Sépala: na casa do esquecimento afundas.
Folhas no chão e sombras da folhagem das árvores
Por onde o caminho vaza. A noite
Não precisa de estre-

Las. Riscam a areia tuas folhas,
Uma palavra ainda tem
Luz:
Nada está perdido.

SOB LUZ

singularmente pálida
Escreves sobre olhos submersos de palavras.

Pálida lanças da janela
Um canto que movimentas quando grafas
Esta casa.

Numa mão a lança e noutra
A caça, escrita,
Escassa.

As folhas secas deixas na entrada,
Em folhas breves guardas tua fala.

Escreves.

Este animal te ataca
Até que tuas cordas corte,
A tua voz soçobre
E apenas o ruído sobre
Das páginas que um deus traga.

DECERTO

Com que língua antiga hás de encontrar,
Com tal fôlego que de tanto falhes,
Conquanto nada mude, dure o mesmo, cesse
E recomece opresso, aceso, exista e
Em declive o vejas, num aceno,
Taciturno e lasso, sem que te ocorras,
Nem que obstante baste, breve,
Não mais decerto que um instante?

TRAKL IN TRAUM

Quando à lírica boca o Lótus ponhas e a dada parca vida em mãos
Te anteponha a esta língua que só visitas quando falas
A flor que és e mudas
Tuas folhas – se os negros arvoredos e as cores falhas
Coram quando sonhas frouxa
Das folhagens qualquer fala, palavras que escolhas, paisagens
E tua vida já perderam a linguagem –, a dura côdea em longos
Cortes cortes.

É o que tens por toda a parte;
A aurora inteira intensa gritas, porém.
Porém, em cor antiga tardas,
Nada muda ou dura.

RATIO

O dia por que Letes passa é este poema. O branco
Dorme em cada raio do amanhecer.
A morte, que só cessa, nenhum senão, vastos sentidos.

Sê: breve nem a vida, ou somente,
Tão logo tarda, tarde.
Raias.

Tudo faz sentido e há
Na conclusão do mundo, mas sem razão tua memória flui
No escuro e te escapa.

Tudo é vasto e faz sentido ou
Não: teu corpo inteiro a desde então se contorcer: face, torso, sentido.

Perene o rio, o lastro, segue, ou traços colossais do sol no ocaso, dormes.
Perenes, claro, claras, por tuas margens imperecíveis
Pedras, lápides: a mesma e outra imagem.

PARALELA MALLARMÉ

Entre a Aurora e a Alvorada uma linha de azul fina e pálida traça –
Nasce sob o céu, no entanto –
Um círculo que existe e em seu centro – como do poema um lago, um véu –
Jazes qual na vida o que há de profuso e simultâneo.

Queres despertar como um sopro, de uma vez,
Ou da relva levantar como o verbo reverbera,
Pois num esboço de espaços a delinear teus contornos
Exibes no rosto o que poema algum concebe.

Nem o vento que te abraça te expande ou te revela,
Nem tuas costas, estes mapas para acervos de saudades,
Não te legam sem fronteiras e sem leis.

Uma linha de azul fina e pálida traça um círculo:
E em seu centro te elide – e te estreita e te enleia sem te ler –
Entre o Anseio e a Angústia de tuas páginas em branco.

AS HORAS, TUAS

Sem causa, deusas,
No grande espaço de não haver nada –
Ártemis, Atená, Héstita –,
No grande barulho do mundo,
Álamos, anos,
Liras de cada céu em que sopras teus cantos,
Chamas, rios de tua infância, metáforas sem qualidades.

Depois, estás cingida, opressa pela solidão da linguagem.
Sem deusas, cores, em horas rarefeitas sonhas,
Anoiteces como quem ama tudo aquilo que ama
E de teu ser nunca consciente arrancas,
Para além do reino antigo de tuas nuanças,
Muralhas de um dia que nunca sabes,
Memórias, versos, lâminas.

PARALAXE NO JARDIM ABSTRATO DE CRANE

Existirá o poema embora não tenhas memória ou medo ou esperança
Para além de sombras e relva a teus pés.

Ou o amor e a morte em que copasousem como pássaros
Em galhos do amanhecer.

Ou veias por que chegue a seiva dos dias e dias esquecidos
Nas raízes atrozes da agonia.

Ou albatrozes sobre um oceano em que não és,
Mas sonhas – não há razão.

Mais perto do azul fugaz respiras ciano –
Desejos, destinos.

THIAGO PONCE DE MORAES é poeta e tradutor. Faz parte do Conselho Editorial da revista *Zunái* e do jornal *O Casulo*. Tem publicações em diversas antologias e periódicos, com destaque para a *Antologia Poetas Jovens (no papel rascunho)*, de 2006, organizada por Virna Teixeira, Brasil; Revista *série Alfa* n° 33, de 2007, editada por Joan Navarro, Espanha; *Antologia VacAmarela* (trilíngüe), de 2007, organizada por Andréa Catrópa e Fábio Aristimunho, Brasil; *Antologia da Poesia Brasileira do Início do Terceiro Milénio*, de 2008, organizada por Claudio Daniel, Portugal; e *Fomes de Formas*, de 2008, organizada por Antonio Vicente Seraphim Pietroforte, Brasil. Em 2006, seu primeiro volume de poemas, *Imp.*, foi publicado. Para os próximos anos prepara dois novos volumes: *Cela(-)Canto* e *De gestos lassos ou nenbuns* (do qual todos os poemas publicados na presente antologia fazem parte); além de traduções de Emily Dickinson, Jeremy Halvard Prynne, Ralph Waldo Emerson e Basil Bunting.